

FICHA DE INFORMANTE



Nome: Manuel López López *O Poso*

Data de nascimento: 1907-12-28

Lugar de nascimento: Poso, O Pando – Cervantes

Ocupación: Carteiro



Museo
do Pobo
Galego



instituto de
estudos das
identidades

Biografía: Nasceu o 28 de Dezembro de 1907 em Posso, pequena localidade pertencente ao concelho de Návía de Suarna, no arranque da Serra dos Ancares. Não tinha ainda oito anos quando um acaso lhe fijo descobrir a vocação de gaiteiro. Decidiu-se a tocar depois de escutar como o fazia um home já velho, conhecido como «O Perdido», que levava um saco ao lombo e que de vez em quando passava polo lugar. Numa ocasião seguiu-no e viu como ao sair da aldeia abriu o saco e deu-lhe por armar uma gaita e tocar umas peças. Esta imagem marcaria-o decissivamente na sua determinação de tocar a gaita.

A sua mãe, Josefa López, tinha uma voz extraordinária e gostava muito de cantar. O seu bom ouvido e a melhor memória figerom dela um inesgotável arquivo de melodias, do qual Manuel aprendeu o melhor repertório.

As suas primeiras aparições públicas produzem-se em 1915. Não passárom desapercibidas e em pouco tempo polo entorno começou-se a falar do neno gaiteiro de Posso. Com doze anos já percorrera com a sua gaita todas as aldeias de Návía, começando a ser reclamado cada vez em mais sítios. Quanto à sua formação instrumental, foi auto-didacta, procurava escutar um gaiteiro de Návía chamado Pepito de Munhiz, de quem conservou durante toda a vida parte do seu repertório. O primeiro instrumento de que dispujo foi uma gaita tumbal encarregada a Pepe de Molha, um artesão e bom gaiteiro, de uma localidade próxima.

Com peças que escutava de diversa procedência foi conformando um rico acervo com claro predomínio de moinheiras e jotas, aínda que gostava de incluir alguma valsa. Também conheceu e adaptou ao seu instrumento ritmos como a rumba. Embora nunca se sentisse demasiado conforme com estas melodias, interpretava-as para corresponder à demanda do público.

Quando ainda era novo começou a buscar um bom acompanhamento de tambor para as suas peças. Albito, um jovem vizinho, acompanhou-no durante muitos anos, o mesmo que José Ramón González Pérez, que posteriormente teria que marchar ao exílio estabelecendo-se em Buenos Aires.

Ao fazer os vinte anos foi requerido para cumprir o serviço militar na base africana de Tetuám. Depois deste período, regressa a Posso.

À volta continua com a sua quotidiania articulada em três eixos: tocar a gaita, caçar e pescar. Como gaiteiro integrado num contexto social normalizado nunca tivo que empregar o «traje tradicional» para realizar as suas actuações em bodas, festas ou alvoradas.

A começos dos anos trinta emigra a Barcelona procurando trabalho. Alí conhece a que se havia de converter na sua mulher, Ramona, uma filha de emigrantes galegos que sempre disfrutou da devoção de Posso pola gaita. Em 1934 casam-se e pouco depois

FICHA DE INFORMANTE



Museo
do Povo
Galego



Instituto de
estudos das
identidades

abandonam a Catalunha para regressar a Návía. Manuel não suportava viver numa cidade tam imensamente grande.

Em 1937 têm o seu primeiro filho, Manuel, e posteriormente chegaria Ludivina, mas nengum deles terá vinculaçom com a música.

Em plena guerra é destinado durante quatro meses a um destacamento do bando nacional na Veiga de Valcarce. Levou a gaita consigo, mas nas suas próprias palavras: «Não estávamos alá pola gaita». Era cabo e às vezes fazia de sargento. A vila, considerada como um núcleo de «rojos», foi duramente castigada polos falangistas. Manuel viu-se incorporado ao bando golpista, mas não era da Falange nem concordava com o que ali estava passando. Todas as vezes que pudo intercedeu para que não se produzissem mais «passeios».

Rematado este período, assenta-se novamente em Posso e decide apresentar-se a umas oposições a carteiro rural que se celebravam na cidade de Lugo. Consegue superar as provas e começa a exercer a finais dos anos quarenta. A sua nova vida consistirá em combinar as responsabilidades do seu trabalho com o ofício de gaiteiro.

Nos anos cinquenta começa a tocar com um gaiteiro de Munhiz chamado Henrique. Soma-se também ao bombo um vizinho de Posso chamado Manuel. Com esta formação de quarteto, que nunca tivo nome artístico, actuarão durante três anos.

Naquela altura no rural as orquestras ainda não ganharam a batalha à música de gaita: nas pequenas paróquias consideravam que aquelas tinham demasiados componentes para poderem ser contratadas e por isso preferiam seguir com os gaiteiros.

É também nos cinquenta quando participa no único concurso da sua vida. Celebrou-se em Návía com motivo das festas locais. O primeiro prémio correspondeu-lhe a um jovem gaiteiro chamado Andreu do qual Posso guardou sempre um bom recordo como músico. O próprio Posso fijo-se com o segundo posto e o terceiro ficou em mãos de um gaiteiro-músico da banda de Ribadeu.

Nos anos sessenta começou a fazer gravações domésticas no magnetófono que o seu filho troujo da emigração. Todas elas fôrom repartidas entre familiares emigrados, vizinhos e amigos, estando a dia de hoje dispersas por distintos pontos da geografia europeia e latino-americana.

No gaiteiro Posso apreciamos muitas características próprias dos gaiteiros da sociedade tradicional. Ele mesmo aprendeu de um velho artesão a fazer as suas palhetas e palhões com canas das escovas. Da mesma forma, ia-se desprendendo das suas velhas gaitas na medida em que tinha opção de comprar outras de melhor qualidade.

Manuel López também foi partícipe de uma tradição que já aparece recolhida no Egipto do Novo Império: o acompanhamento de músicos nas seituras. Esta prática perdurou na conca mediterránea até o século XX. Existem testemunhos deste tipo de práticas nas ribeiras do rio Pó em Itália, em Tesália (Grécia) ou nas segas de Castela. Na Galiza poucos exemplos temos ao respeito. A revista *A grileira*, da Asociación de Gaiteiros de Santiago e Bisbarra, publicou um artigo –«O gaiteiro na seitura»– onde se recolhem exemplos como os do Gaiteiro Posso, o Gaiteiro de Quindóns ou José Maria «O Mixo», Gaiteiro de Múrias.

FICHA DE INFORMANTE



Com efeito, na zona dos concelhos de Návía de Suarna, Cervantes e Pedrafita, esta tradição perdurou até a chegada da mecanização aos campos e o abandono das aldeias.

O Posso, como o resto destes músicos, foi contratado para acompanhar os seitureiros que iam fazer estes labores às Astúrias e Leão, mas sobre todo no rádio dos concelhos de Návía de Suarna e Cervantes. O tempo de duração era indeterminado, podendo oscilar desde uns poucos dias até chegar a botar mais de um mês, se enganchava várias segas seguidas. Ao gaiteiro asseguravam-se-lhe tanto as dietas como um sítio onde dormir.

Nos anos 70 chegam as orquestras às aldeias do interior da Galiza e condenam aos gaiteiros ao ostracismo, como já sucedera anos antes nas zonas urbanas. Posso recorda essa como uma época na que a gaita cai na maior das indiferenças das novas gerações e entra no pior dos olvidos. Ao redor de 1972 reforma-se e deixa de tocar.

Ficou decepcionado com o povo, no seu sentido mais geral, por ter permitido desaparecer os gaiteiros que como ele tinham dedicado toda a sua vida a dar «vida, alento e expressividade ao instrumento mais nosso e imorrente», em palavras do maestro Ricardo Portela.

Depois desse ano limitou-se a tocar em contadas ocasiões e sempre por motivos de compromisso pessoal. Com todo fiço-se na segunda metade dos anos setenta com a que seria a sua última gaita, comprada em Lugo a um artesão que acabava de montar uma oficina: Antón Corral.

A finais dos setenta pom-se em contacto com ele um velho amigo das montanhas de Cervantes. Chamava-se Hilário e vivia em Madrid. Este grande admirador de Posso sufragou os gastos da viagem e da estada de Manuel e Ramona em Madrid para realizarem uma gravação. Esta foi também paga por Hilário, quem com a sua voz quiço acompanhá-lo numa das quatro melodias. Será esta a que figure no simples como «Cante asturiano».

A edição foi realmente limitadíssima e correu a cargo do mecenas deste insólito acontecimento. O disco, que nunca se chegou a comercializar, foi repartido entre familiares, amigos e vizinhos que queriam ter a possibilidade de desfrutar do seu gaiteiro para sempre.

Na sua experiência discográfica gravou só quatro melodias, todas elas populares: uma jota galega, duas moinheiras –a de Chantada e outra intitulada «Moinheira asturiana e galega»– e um «Cante asturiano». Em total 8'15" da melhor música tradicional galega.

A finais dos anos oitenta e durante os noventa começou a receber inusitadas visitas de jovens músicos e pesquisadores procedentes das grandes cidades galegas como Corunha ou Vigo à procura de jeitos de interpretação e recursos que consideravam praticamente extintos, mas que ainda se conservavam na gaita, já calada, do gaiteiro Posso. Em 1996 decide trasladar-se à cidade da Corunha e viver com a família do seu filho Manuel. Desde então residiu perto do mar do Orçám onde morreu em 3 de Agosto de 2000. A última vez que tocou a gaita foi em 1998, animado por dous jovens gaiteiros dos que guardou a melhor das lembranças: Iván Costa e Sérxio Cobos.

Texto: Ramon Pinheiro Almuinha (2000)